



revista cristã
última chamada

"Nós que
estamos vivos"
não é um texto
temporal.



JASON BRADFIELD

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

“Nós que Estamos Vivos” Não é um Texto Temporal

Jason Bradfield

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

“Nós que Estamos Vivos” Não é um Texto Temporal

Autor: Jason Bradfield

Site: <https://www.reformation.blog/>

Acessado dia 16/04/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

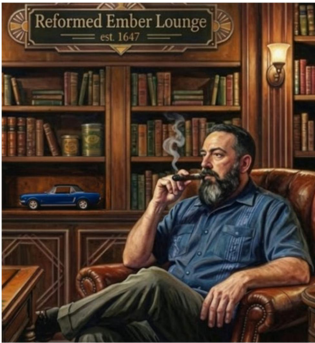
Porto Belo – Santa Catarina

Abril de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
Nota de Gentry	09
Adendo 1	
Sim, Gary DeMar é um preterista pleno	18
Adendo 2	
A ressurreição da heresia por Gary DeMar no CrossPolitic	26
Adendo 3	
Gary DeMar está mentindo	35
Adendo 4	
A Necessidade Lógica da Criação e o Fracasso Catastrófico do Hiper-Preterismo	39
Obras importantes para pesquisa...	62

Sobre o autor



Jason L Bradfield é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana Reformada de Cristo | Presidente Interino: Seminário e Faculdade Teológica de Whitefield.

Administra o site <https://www.reformation.blog/>

Apresentação

É com satisfação que apresento mais um texto que se posiciona contra o que considero um erro teológico grave: o Preterismo Completo, também conhecido por outros nomes, como Escatologia Plena, Escatologia Consumada, Hiperpreterismo e Escatologia Realizada.

O texto em questão é de autoria do teólogo reformado Jason Bradfield, que analisa a passagem em que o apóstolo Paulo afirma: “nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem” (1ª Tessalonicenses 4:15). Essa declaração é frequentemente utilizada por defensores do Preterismo Completo para sustentar a ideia de que Paulo acreditava que sua própria geração testemunharia o arrebatamento, o qual, segundo essa interpretação, teria ocorrido até o ano 70 d.C. Com grande perspicácia, Bradfield examina esse argumento e oferece uma análise cuidadosa do texto.

Acrescentei também, como adendo, outros textos do mesmo autor, nos quais ele critica a posição do teólogo Gary DeMar, apontando aproximações com o Preterismo Completo.

Espero que o leitor seja, mais uma vez, edificado por este material, que busquei reunir com o objetivo de contribuir para o crescimento e fortalecimento do Reino eterno de Cristo.

César Francisco Raymundo
Editor Revista Cristã Última Chamada

Nota de Gentry

Jason Bradfield mais uma vez aplica uma lógica devastadora e uma análise gramatical destrutiva ao hiperpreterismo. Neste artigo, ele oferece uma aula magistral sobre como NÃO interpretar as Escrituras. Ele demonstra isso a partir do hiperpreterismo nos escritos de Gary DeMar.

Ele também alerta sobre a necessidade de compreender a gramática grega antes de escrever sobre ela.

Recomendo fortemente o trabalho de Bradfield e sugiro que você se inscreva para receber seus novos artigos regularmente. Eu certamente já me inscrevi! (<https://www.reformation.blog>)

Nota de Gentry

Site: <https://postmillennialworldview.com/2026/04/14/we-who-are-alive-is-not-a-time-text/>

Acessado dia 16/04/2026

“Nós que Estamos Vivos” Não é um Texto Temporal

Entre os hiperpreteristas, um dos argumentos mais populares para o cumprimento da ressurreição no primeiro século é que a linguagem de Paulo em 1ª Tessalonicenses 4:15 funciona como um “texto temporal”. A alegação é a seguinte: quando Paulo escreveu: “nós, os que estivermos vivos, os que formos deixados até a vinda do Senhor”, ele estava afirmando que pessoalmente esperava estar entre os vivos quando Cristo retornasse. Como Paulo estava vivo em meados do primeiro século, a *parousia* [ou vinda] deve ter sido um evento de meados do primeiro século. Os hiperpreteristas Gary DeMar e Kim Burgess, entre outros, têm defendido essa interpretação.

Nesse momento, Paulo ainda esperava estar vivo em seu corpo terreno na *parousia* de Cristo, com base na garantia direta do próprio Cristo em textos como Mateus 10:23, 16:27-28 e 24:34. É precisamente por isso que Paulo usou deliberadamente a primeira pessoa do singular ("nós") tanto em 1ª Tessalonicenses 4 quanto em 1ª Coríntios 15 .

O argumento parece intuitivo à primeira vista. Mas desmorona sob o peso da gramática grega, do próprio testemunho mais amplo de Paulo e, principalmente, do que Paulo diz no versículo seguinte. O que temos em 1ª Tessalonicenses 4:15 não é um indicador profético de tempo. É uma identificação de categoria, e a diferença é enorme.

A frase-chave em grego é *hemeis hoi zontes hoi perileipomenoi* (ἡμεῖς οἱ ζῶντες οἱ περιλειπόμενοι). O pronome *hemeis* (“nós”) é seguido por dois participios presentes articulados: *hoi zontes* (“os que vivem”) e *hoi perileipomenoi* (“os que permanecem”). Os participios têm função substantiva, o que significa que descrevem uma classe de pessoas definida por sua condição no momento do evento, não no momento da escrita. Paulo está dizendo, em essência, “aqueles dentre nós, os crentes, que estiverem vivos e permanecerem quando o Senhor vier”. O tempo presente dos participios é relativo à ação principal da frase (a vinda do Senhor), não ao momento em que Paulo pegou a caneta. Este é um uso padrão do participio articular no grego koiné, e não há nada na gramática que restrinja o referente a Paulo e seus contemporâneos imediatos.

Para entender por que isso é importante, considere o contexto mais amplo da passagem. Paulo está escrevendo para uma igreja enlutada. Crentes em Tessalônica haviam falecido, e a congregação remanescente estava consternada, aparentemente preocupada que seus irmãos e irmãs falecidos perdessem a *parousia*. Todo o argumento de Paulo é de consolo pastoral:

“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes a respeito dos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus, mediante Jesus, trará, mediante Jesus, os que dormiram. Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos e formos deixados até a vinda do Senhor, de modo nenhum precederemos os que dormiram. Porque o próprio Senhor descerá do céu com uma ordem, com a voz do arcanjo e com o som da trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois disso, nós, os que estivermos vivos e formos deixados, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”.

- 1ª Tessalonicenses 4:13-17

A estrutura do argumento de Paulo divide todos os crentes em dois grupos: os mortos em Cristo e os vivos que permanecem. Ele usa “nós” porque ele e seus leitores estão vivos e, naturalmente, no momento atual, se enquadram no segundo grupo. Mas o ponto central da passagem é que o período é suficientemente indefinido para que alguns crentes já tenham falecido. Se Paulo “soubesse” que a *parousia* ocorreria durante sua vida, o luto dos tessalonicenses pela morte recente de alguns crentes seria uma crise trivial demais para justificar uma correspondência apostólica. A passagem só faz pleno sentido pastoral se o momento da morte permanecer realmente indefinido.

Mas é aqui que a leitura do “texto temporal” sofre seu golpe mais decisivo, e ele vem do próprio Paulo, logo em seguida. Sem hesitar, Paulo transita para o capítulo 5:

“Irmãos, quanto aos tempos e às épocas, não precisamos escrever-lhes nada, pois vocês mesmos sabem muito bem que o dia do Senhor virá como um ladrão de noite”.

- 1ª Tessalonicenses 5:1-2

A metáfora do ladrão trata inteiramente da imprevisibilidade. Um ladrão não envia uma carta avisando quando virá. O ponto central da imagem é que o momento é desconhecido e incognoscível. Jesus usou a mesma metáfora em Mateus 24:43 exatamente por esse motivo, e Pedro a retoma em 2ª Pedro 3:10 da mesma forma. Se Paulo tivesse acabado de inserir uma indicação temporal em 4:15, dizendo aos tessalonicenses que a *parousia* ocorreria durante a vida deles, por que ele imediatamente mudaria de assunto para dizer que o momento é tão imprevisível quanto um arrombamento? Não se pode ter as duas coisas. Não se pode dizer “Acabei de lhes dizer que acontecerá enquanto estivermos vivos” e depois dizer “mas vocês não precisam que eu escreva sobre o momento, porque acontecerá quando ninguém esperar”. Essas duas afirmações se contradizem se a

primeira for realmente um indicador temporal. Mas, numa leitura categórica, a sequência é perfeitamente coerente: Paulo está dizendo que, quando isso acontecer, os mortos não ficarão de fora, e todos os que estiverem vivos naquele momento serão arrebatados juntamente com eles. Quanto a quando isso acontecerá você já sabe a resposta: você não sabe e não pode saber.

O que torna essa conexão ainda mais devastadora para a alegação hiperpreterista do “texto temporal” é a frase que Paulo usa. “Os tempos e as épocas” em 1ª Tessalonicenses 5:1 é τῶν χρόνων καὶ τῶν καιρῶν (*ton chronon kai ton kairon*). Este é o mesmo par de palavras que o próprio Jesus usou em Atos 1:7, quando os discípulos lhe perguntaram sobre o momento da restauração:

“Ele lhes disse: ‘Não vos compete saber os tempos ou as épocas (χρόνους ἢ καιρούς) que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade’”.

- Atos 1:7

As únicas diferenças são o caso gramatical (acusativo em Atos, genitivo em 1ª Tessalonicenses, devido às suas diferentes posições sintáticas) e a conjunção (“ou” em Atos, “e” em 1ª Tessalonicenses). Mas é inequivocamente a mesma frase.

Paulo não está apenas fazendo uma observação geral sobre a imprevisibilidade. Ele está ecoando as próprias palavras do Senhor. E ele faz isso imediatamente após a passagem que os hiperpreteristas querem transformar em um marcador cronológico. Jesus disse aos discípulos que o momento desses eventos não lhes cabia saber. Paulo então diz aos tessalonicenses, usando a mesma expressão, que eles não precisam que ele escreva sobre os tempos e as estações, porque eles já sabem a resposta: ele vem como um ladrão. Eles sabem disso porque Jesus já lhes disse. Não é isso que você escreve dez segundos depois de mencionar um horário. É isso que você escreve depois de deliberadamente não mencionar um horário.

A passagem paralela em 1ª Coríntios 15 reforça tudo isso. Ali, Paulo escreve:

“Eis que lhes digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta”.

- 1ª Coríntios 15:51-52

O hiperpreterista quer interpretar “nem todos dormiremos” como uma previsão cronológica: “nem todos nós desta geração morreremos antes da volta de Jesus”. Mas não é isso que Paulo está dizendo. Ele não está fazendo uma declaração sobre o momento da morte de alguém em relação à *parousia*. Ele está fazendo uma declaração sobre a mecânica do próprio evento da ressurreição. “Nem todos dormiremos” significa que nem todo crente passará pela morte, porque quem estiver vivo quando Cristo voltar escapará completamente da morte e será transformado instantaneamente. “Mas todos seremos transformados” significa que, esteja você morto ou vivo naquele momento, todo crente receberá um corpo transformado e ressuscitado. Os mortos ressuscitam. Os vivos são transformados. Ninguém fica de fora.

Este é exatamente o mesmo argumento que Paulo apresentou aos tessalonicenses, apenas sob uma perspectiva diferente para uma situação pastoral distinta. Em Tessalônica, a preocupação era que os mortos fossem excluídos ou estivessem em desvantagem. A resposta de Paulo: não, os mortos em Cristo ressuscitam primeiro, e então todos os que estiverem vivos serão arrebatados juntamente com eles. Em Corinto, o tema é a natureza do corpo ressurreto, então Paulo o aborda de maneira diferente, mas a lógica subjacente é idêntica. Há duas categorias de crentes no momento da volta de Cristo: aqueles que morreram e precisam ressuscitar, e aqueles que ainda estão vivos e precisam ser transformados sem morrer. Ambos os grupos são plenamente contabilizados. O “mistério” que Paulo revela não é

quando isso acontecerá, mas como acontecerá, especificamente que os vivos não precisarão morrer primeiro, mas serão transformados instantaneamente. O “nós” em ambas as passagens funciona de maneira idêntica: coloca Paulo e seus leitores entre os vivos para fins de ilustração, sem descartar a possibilidade de que eles possam morrer antes que o evento ocorra.

Observe também a ressalva em 1ª Coríntios 15:51: “nem todos”. Se “nós” é um texto temporal que afirma que Paulo esperava a *parousia* durante sua geração, então “nem todos dormiremos” admite que alguns em sua geração morreriam antes que isso acontecesse. Isso já enfraquece consideravelmente a alegação de “texto temporal”, visto que admite que o “nós” é flexível o suficiente para incluir pessoas que morrerão. Mas, além disso, confirma que o “nós” é uma categoria que abrange crentes ao longo de um período indefinido, alguns dos quais morrerão e outros que estarão vivos quando o evento ocorrer. A ressalva só faz sentido na leitura categórica.

O que torna a leitura do “texto temporal” verdadeiramente insustentável além do contexto imediato é que o próprio Paulo a contradiz em seus escritos posteriores. Se “nós, que estamos vivos” é uma firme afirmação profética de que Paulo estaria pessoalmente vivo na *parousia*, então Paulo é um profeta falho ou confuso, porque ele claramente contemplou e, por fim, esperou sua própria morte antes do retorno de Cristo.

Em Filipenses, escrito da prisão, Paulo está genuinamente dividido:

“Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro... Estou pressionado entre os dois. Desejo partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

- Filipenses 1:21-23

Ninguém que tenha recebido uma garantia profética de sobrevivência até a *parousia* fala assim. Paulo trata a morte como uma

possibilidade real e até atraente, não como algo vedado pela promessa divina.

Em 2ª Coríntios, Paulo fala da perspectiva de estar “ausente do corpo e presente com o Senhor” (2ª Coríntios 5:8), contemplando abertamente o estado intermediário entre a morte e a ressurreição. E em 2ª Timóteo, escrita perto do fim de sua vida, Paulo sabe exatamente o que está por vir:

“Porque eu já estou sendo oferecido como libação, e chegou a hora da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia”.

- 2ª Timóteo 4:6-8

Paulo espera morrer e ainda aguarda “aquele dia” em que o Senhor lhe dará a coroa. Ele não entra em pânico pelo fato de não estar entre “os vivos que restarem”. Ele simplesmente transita, de forma bastante natural, de um lado para o outro de sua própria categoria anterior, porque as categorias nunca foram sobre ele pessoalmente.

Vale a pena também observar como são, de fato, os textos temporais genuínos do Novo Testamento. Quando Jesus diz: “Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu reino” (Mateus 16:28), ou “Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam” (Mateus 24:34), essas são declarações temporais explícitas com sujeitos, verbos e horizontes temporais definidos. A oração participial articulada de Paulo em 1ª Tessalonicenses 4:15 é gramaticalmente muito diferente dessas. Ela descreve uma classe de pessoas definida por uma condição (“estar vivo e permanecer”), não por uma previsão temporal (“isso acontecerá antes de vocês morrerem”). Chamá-la de “texto temporal” é um erro de categoria.

Cada geração de cristãos que lê 1ª Tessalonicenses 4 é convidada a se colocar entre os “nós que estamos vivos, que fomos deixados”. Essa é toda a força do consolo pastoral que Paulo oferece: quer você esteja vivo ou morto quando Cristo voltar, você estará com o Senhor. A passagem foi concebida para funcionar ao longo dos séculos precisamente porque o “nós” não está ancorado a uma única geração. Tratá-la como um texto temporal é reduzir uma bela e aberta garantia pastoral a uma previsão falha, e fazê-lo contra a gramática, contra o próprio uso da mesma expressão por Paulo em outros lugares, contra seu testemunho mais amplo em suas cartas posteriores, contra o contexto imediato de 1ª Tessalonicenses 5, contra as próprias palavras de Jesus em Atos 1:7 e contra a própria mecânica do evento da ressurreição, conforme Paulo a descreve em 1ª Coríntios 15.

Notas:

1. Kim Burgess e Gary DeMar, *A esperança de Israel e das nações: Escatologia do Novo Testamento realizada e aplicada*, vol. 2 (Powder Springs, GA: American Vision, 2024), 129.

Adendo 1

Sim, Gary DeMar é um preterista pleno

Já abordei esse assunto antes, mas precisamos revisitá-lo porque Gary DeMar negou publicamente mais uma vez o que seus próprios ensinamentos claramente estabelecem. Seu episódio mais recente (lançado em 17/11/2025) é mais um exemplo desse padrão.

Durante a discussão, Eric pergunta-lhe diretamente:

Eric: “Espera aí, Gary, você está dizendo que não é um preterista convicto?”

Gary: “Eu nunca... claro que não sou um preterista convicto.”

Eric: “Espere um minuto.”

Gary: “Obviamente.”

Eric: “Mas eu li na internet que você é um preterista convicto.”

Gary: “Sim, eu sei. A definição deles de preterista convicto é alguém que acredita que os corpos mortos vão ressuscitar, os átomos vão se juntar, criar um novo corpo, se tornar um corpo espiritual. Se você não acredita nisso, então você é um preterista convicto. E eu vi um cara online, aliás, eu tenho um livro, que diz que os preteristas convictos negam a ressurreição. Bem, eles não negam. Quer dizer, eles apenas acreditam que você ganha um novo corpo na hora da morte. E eu sei que isso soa horrível.”

Eric: “Você está me deixando de queixo caído.”

Gary: “É.”

Eric: “Você está dizendo que as pessoas na internet estão erradas sobre algumas coisas?”

Gary: “(risos)”

Essa troca de palavras não é apenas surpreendente. É uma aula magistral de evasão.

O que é o preterismo pleno?

Michael Sullivan, que administra o site fullpreterism.com, define a posição da seguinte maneira:

“O preterismo pleno é a crença de que a Bíblia ensina que a Segunda Vinda, o julgamento e a ressurreição dos vivos e dos mortos ocorreram no final da era da Antiga Aliança, nos eventos que cercaram a queda de Jerusalém e seu Templo em 70 d.C.”

E posso afirmar, como alguém que foi preterista convicto por sete anos, que essa definição é básica, fundamental e completamente precisa. É o básico do preterismo convicto. Essa é a definição padrão que todos nós aceitávamos, e foi exatamente ela que deu origem às agora famosas três perguntas feitas a Gary na carta pública:

Você acredita em um futuro retorno corporal e glorioso de Cristo?

Você acredita em uma ressurreição física e geral dos mortos no futuro?

Você acredita que a história terminará com o Juízo Final de todos os homens?

Essas perguntas existem por um único motivo: elas vão direto ao ponto de determinar se alguém é ou não um preterista pleno.

E, segundo os próprios ensinamentos de Gary, ele responde a cada uma delas da mesma forma que um preterista pleno as responde.

Primeira linha de evidência: as próprias doutrinas de Gary são totalmente preteristas.

1. Ele nega um futuro retorno corporal de Cristo.

Ele afirma que Cristo “voltou” no ano 70 d.C. Quando questionado sobre quais Escrituras usaria para provar um futuro retorno corporal de Cristo, ele não cita nenhuma. Na verdade, ele questiona a validade do termo “Segunda Vinda”, embora Hebreus fale explicitamente de Cristo aparecendo “uma segunda vez” (Hebreus 9:28).

Em seu livro com Kim Burgess, que examinaremos mais detalhadamente em breve, Gary afirma que o Credo Niceno projetava o cumprimento da “vinda do Senhor” como um evento futuro, mas insiste que “exegeticamente, isso não pode ser o caso” .¹

2. Ele nega uma futura ressurreição física e geral dos mortos.

Segundo Gary, a “ressurreição geral” ocorreu no ano 70 d.C., quando as almas de todos os mortos foram erguidas do Sheol/Hades, uma câmara subterrânea. Os ímpios foram lançados no lago de fogo; os justos foram admitidos no Céu. Após o ano 70 d.C., a alma de cada crente recebe seu “corpo espiritual” instantaneamente após a morte. O corpo terreno se decompõe na terra e torna-se irrelevante.²

Esta é a doutrina preterista da “ressurreição” em sua totalidade, palavra por palavra, que na realidade não é ressurreição alguma.

3. Ele nega um fim definitivo da história com um dia do julgamento universal.

Como explicam Kim Burgess e Gary DeMar:

“Hebreus 9:27 afirma que está determinado que os homens morram uma só vez e, após isso, com o evento pessoal da morte

física/biológica, vem o juízo eterno. Esse juízo não é adiado para o fim dos tempos. Não, esse juízo vem no momento da morte física. Isso significa que... todos nós estamos, literalmente, a apenas um último suspiro e uma última batida do coração do 'fim dos tempos', no que diz respeito a todos nós, e então virá o juízo”.

Novamente, essas são as posições exatas que definem o Preterismo Pleno.

Segundo seus próprios ensinamentos, Gary é um preterista convicto.

Segunda linha de evidência: Gary e Kim Burgess declaram explicitamente que sua posição é de Preterismo Pleno.

Após gravar vinte e quatro episódios de podcast com Kim Burgess, intitulados *Hermenêutica da Aliança e Escatologia Bíblica*, a American Vision publicou as transcrições revisadas e aprimoradas sob o título *A Esperança de Israel e das Nações: Escatologia do Novo Testamento Concluída e Aplicada*.

O próprio título já anuncia todo o projeto: “Escatologia do Novo Testamento Concluída”.

Mas as alegações internas são ainda mais reveladoras. Elas escrevem:

“A história específica que as Escrituras têm em mente quando se trata do tema da escatologia bíblica é a história da redenção do Israel do Antigo Testamento”.⁴

E:

“Essa escatologia do Israel do Antigo Testamento ocorreu entre os anos 30 e 70 d.C... por meio da morte, ressurreição, ascensão... e, sim, da parusia de Jesus Cristo”.⁵

Em seguida, eles antecipam a acusação de Preterismo Total, porque sabem exatamente como isso soa. Eis a tentativa deles de explicá-la:

“Afirmamos uma posição sobre o preterismo que busca fazer justiça plena e consistente ao fim da história redentora de Israel no período de 30 a 70 d.C... por essa razão, cunhei o termo “preterismo consistente”... portanto, sim, essa perspectiva mais recente também pertence ao campo geralmente denominado de “preterismo pleno”. Mas ela não chega ao erro do hiperpreterismo, sem comprometer o fator da consistência ao deslizar para uma forma arbitrária de preterismo parcial, a fim de tentar salvar as aparências perante os poderes eclesiais dos credos históricos, confissões de fé e catecismos da Igreja mencionados anteriormente”.

Observe a admissão fundamental:

“Essa perspectiva mais recente também pertence ao campo geralmente denominado de preterismo pleno”.

Eles sabem exatamente o que estão fazendo. E rejeitam abertamente a escatologia dos “credos históricos, confissões de fé e catecismos da Igreja”. Que escatologia é essa?

Um futuro retorno corporal de Cristo.

Uma futura ressurreição corporal de todos.

Um julgamento final que encerrará a história da humanidade.

Se eles não rejeitassem essas doutrinas, não haveria necessidade de reclamar dos Credos e Confissões.

A tentativa deles de se diferenciarem do hiperpreterismo é mais um jogo de palavras falacioso que praticam. Historicamente, foi o movimento hiperpreterista que começou a redefinir termos como “pleno”, “consistente”, “aliança” e “hiper” para distanciar seu sistema dos preteristas radicais “exclusivamente israelenses”; um grupo que negava a relevância das Escrituras para qualquer pessoa fora do Israel do primeiro século. Em outras palavras, a mudança de terminologia nunca teve como objetivo esclarecer a doutrina. Foi uma estratégia de marketing dentro do mundo do preterismo pleno, destinada a separar os preteristas plenos mais tradicionais das vertentes ainda mais extremas que rejeitavam a Igreja, as nações e a relevância contínua da revelação bíblica.

Mas a essência teológica permaneceu a mesma: a Segunda Vinda já passou, a “ressurreição” geral já passou e o juízo final já passou. Essas são as negações centrais que historicamente definiram o hiperpreterismo. DeMar e Burgess defendem as três. Portanto, quando dizem: “Não somos hiperpreteristas”, tudo o que fazem é tomar emprestado o vocabulário interno criado pelos preteristas plenos para fazer com que sua posição pareça menos radical. É uma estratégia interna de reformulação da imagem, não uma diferença doutrinária genuína. Mudar o rótulo não muda o conteúdo — e o conteúdo é inequivocamente hiperpreterista.

A ironia

No mesmo episódio, Gary lamenta que os jovens cristãos de hoje não tenham vivenciado o caos dispensacionalista das décadas de 1960 e 70 e estejam repetindo erros antigos porque “não fizeram a lição de casa”.

A ironia é de tirar o fôlego.

Ele nega todos os principais princípios da escatologia histórica da igreja.

Ele afirma as doutrinas centrais do preterismo pleno.

Ele publica um livro sobre “Escatologia do Novo Testamento Consumada”, chamando explicitamente sua visão de “preterismo pleno”.

Segundo todos os critérios doutrinários e segundo o seu próprio material publicado, Gary é um preterista convicto. No entanto, agora ele insiste que não o é, embora o seu próprio livro diga o contrário.

Isso não é um mito da internet inventado por críticos confusos. É o que seus próprios ensinamentos proclamam abertamente. A essa altura, Gary ou entende exatamente o que está dizendo e se recusa a admitir, ou é tão desinformado sobre sua própria teologia quanto aqueles de quem zomba.

Notas:

1. Kim Burgess and Gary DeMar, *The Hope of Israel and the Nations: New Testament Eschatology Accomplished and Applied*, vol. 2 (Powder Springs, GA: American Vision, 2024), 7.
2. Gary DeMar, “The Resurrection of the Dead,” *American Vision*, November 5, 2025, accessed November 17, 2025, <https://americanvision.org/posts/the-resurrection-of-the-dead/>; see also Jason L. Bradfield, “Gary DeMar Denies the Resurrection of the Body,” *Reformation Blog*, March 22, 2023, accessed November 17, 2025, <https://www.reformation.blog/p/gary-demar-denies-the-resurrection>.

3. Kim Burgess and Gary DeMar, *The Hope of Israel and the Nations: New Testament Eschatology Accomplished and Applied*, vol. 1 (Powder Springs, GA: American Vision, 2024), 267; see also Jason L. Bradfield, "Once to Die, Then the Spin," *Reformation Blog*, accessed November 17, 2025, <https://www.reformation.blog/p/once-to-die-then-the-spin>.
4. Kim Burgess and Gary DeMar, *The Hope of Israel and the Nations: New Testament Eschatology Accomplished and Applied*, vol. 1 (Powder Springs, GA: American Vision, 2024), xv.
5. *Ibid.*, xvii.
6. *Ibid.*, xvii-xviii.
7. Jason L. Bradfield, "Hyper-Preterism IS Full Preterism," *Reformation Blog*, May 21, 2025, accessed November 17, 2025, <https://www.reformation.blog/p/hyper-preterism-is-full-preterism>.

Adendo 2

A ressurreição da heresia por Gary DeMar no CrossPolitic

Na semana passada, Gary DeMar participou do programa *CrossPolitic* para discutir a doutrina da ressurreição. Ouvir a entrevista foi profundamente frustrante. Não foi apenas malfeita, foi perigosa. É exatamente assim que o erro se disfarça de sabedoria, e por isso a clareza e a fidelidade à Palavra de Deus importam mais do que nunca.

Em resposta, fiz vários comentários no Facebook, pois diferentes pontos me chamaram a atenção enquanto ouvia. O que se segue é uma coletânea dessas postagens, apresentadas na íntegra, seguida de uma reflexão final. Certamente, há muito mais a ser abordado, mas estas são apenas algumas reações iniciais.

DeMar e o Credo Niceno

Gary DeMar insiste que “afirma” o Credo Niceno. Mas, quando pressionado sobre uma de suas passagens mais explicitamente escatológicas — “Ele voltará em glória para julgar os vivos e os mortos” —, sua interpretação do Credo desmorona diante de suas próprias contradições. Inicialmente, DeMar admite:

“Bem, isso é outra questão. Não sabemos quais versículos eles usaram”.

Contudo, momentos depois, após seu co-apresentador sugerir que ele poderia defender a afirmação com base nas Escrituras, DeMar muda abruptamente de ideia:

“Ah, eu posso sim. Acredito nisso. Exatamente. E sei qual versículo eles usaram”.

Em questão de segundos, ele passa da ignorância à certeza, não por uma reflexão cuidadosa sobre o Credo, mas porque seu argumento exige isso.

Isso é agravado por sua deturpação do que é um Credo. DeMar retrata o Credo Niceno como pouco mais que uma colcha de retalhos de citações bíblicas. Isso é simplesmente falso. Embora algumas linhas ecoem de perto as Escrituras (“Criador do céu e da terra”, “padeceu sob Pôncio Pilatos”), outras partes são sínteses teológicas (“da mesma substância que o Pai”, “ressurreição dos mortos”) que resumem todo o ensinamento das Escrituras, em vez de citar um único versículo. O Credo é uma confissão, não um teste de provas bíblicas. Seu propósito é declarar a interpretação estabelecida da Igreja sobre as Escrituras contra a heresia. Ao reduzi-lo a “encontrar o versículo”, DeMar esvazia o Credo de seu peso doutrinário.

Mais ainda, DeMar ignora a gramática do Credo. A Igreja confessa que Cristo “voltará em glória para julgar os vivos e os mortos”. Isso não é simplesmente citar uma frase de Atos 10:42, 2ª Timóteo 4:1 ou 1ª Pedro 4:5; é expressar a esperança contínua e voltada para o futuro da Igreja. Os pais nicenos não inseriram essa passagem para registrar um evento passado, mas para direcionar a fé da Igreja para o futuro retorno de Cristo, a ressurreição do corpo e o juízo final. DeMar condensa tudo isso no ano 70 d.C., ignorando o fato de que o Credo deliberadamente formula a passagem no futuro.

DeMar afirma que “acredita exatamente nisso”, mas o faz apenas redefinindo o significado. O que a Igreja quer dizer com essa frase é o retorno futuro, universal e visível de Cristo em glória. O que DeMar quer dizer é um julgamento passado e localizado sobre Jerusalém. Em outras palavras, ele afirma as palavras enquanto nega seu sentido. Essa é a mesma tática que Ário usou com as Escrituras: citar a Bíblia fielmente, mas distorcer o significado. Os padres nicenos previram esse tipo de artimanha, e por isso empregaram uma linguagem precisa e extrabíblica como “homousios” para impedir redefinições heréticas.

DeMar não está ao lado do Credo. Ele está contra ele, usando suas palavras como máscara enquanto destrói sua essência.

A Confissão de Westminster e o conceito de “mesmo corpo”

Gary DeMar contesta a afirmação da Confissão de Westminster de que a ressurreição envolve o “mesmo corpo”, alegando que 1ª Coríntios 15 nunca usa essas palavras. Mas isso é simplesmente uma manobra biblicista que ignora o argumento real de Paulo.

Paulo é cristalino: o próprio corpo que morre é o corpo que Deus ressuscita. Repetidamente, ele afirma: “o que foi semeado... ressuscita” (vv. 42-44). O mesmo corpo que é perecível, natural e mortal ressuscita imperecível, espiritual e imortal. A semente se torna a planta; é transformação, não substituição. Dizer que trocamos um corpo por outro na morte torna a imagem de Paulo sem sentido e apaga sua esperança escatológica, que ele vincula não ao momento da morte, mas à volta de Cristo (vv. 22-23, 51-53).

É precisamente por isso que a Confissão de Westminster usa a expressão “o mesmo corpo”. A ressurreição é uma transformação do

corpo, não uma substituição. Se você negar o conceito de “mesmo corpo”, Paulo estará dizendo que o corpo morre e outro surge depois, o que é exatamente o oposto de sua analogia da semente: o que é semeado é o que nasce apenas glorificado. DeMar pode até menosprezar a formulação, mas a doutrina é de Paulo e a Confissão de Westminster captura fielmente o ensinamento do apóstolo.

O Estado Intermediário e os Santos do Antigo Testamento

Gary DeMar afirma ser impensável que morramos e vamos para o Céu apenas como espírito e depois esperemos “milhares de anos” por nossos corpos ressurretos. Ele enfatiza que o homem é “corpo e alma”. Mas é exatamente isso que seu próprio sistema exige para Abraão, Moisés, Davi e todos os santos do Antigo Testamento até o ano 70 d.C. De acordo com o hiperpreterismo, a ressurreição ocorreu na destruição de Jerusalém. Isso significa que, por mais de mil anos, os santos fiéis da Antiga Aliança morreram e entraram no Estado Intermediário, e não no Céu, como almas desencarnadas, precisamente a condição que Gary considera absurda e incompleta para nós.

Se a lógica de Gary estiver correta — que a existência desencarnada é um problema teológico — então todos os santos do Antigo Testamento viveram com esse problema durante séculos. E se não era um problema para eles, por que de repente se tornou um problema para nós? Paulo não teve dificuldade em descrever o Estado Intermediário como estando “ausente do corpo e presente com o Senhor” (2ª Coríntios 5:8). Isso não é um defeito — é a nossa esperança até a volta de Cristo. O verdadeiro absurdo não é esperar pela ressurreição; é fingir, como Gary, que já a temos.

Jogando jogos de palavras com 1ª Coríntios 15

Gary DeMar gosta de brincar com as palavras em 1ª Coríntios 15. Quando Paulo escreve: “Mas, se não há ressurreição dos mortos, Cristo não ressuscitou” (v. 13), Gary imediatamente aponta:

“Mas observem o que diz. A ressurreição dos mortos. Não a ressurreição do corpo, mas a ressurreição dos mortos”.

Isso pode soar inteligente para um público desavisado, mas é completamente refutado pelo próprio capítulo que Gary está tentando explicar.

A partir do versículo 35, Paulo antecipa a objeção: “Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E com que corpo vêm?” Observe que o próprio Paulo identifica “os mortos” com a questão do corpo. Ele não os contrasta como Gary tenta fazer; ele os equipara. Toda a questão gira precisamente em torno do que acontece com o corpo quando os mortos ressuscitam.

Do versículo 35 ao 44, Paulo usa a palavra grega *sōma* — “corpo” — dez vezes! Toda a sua explicação sobre “a ressurreição dos mortos” é feita em termos do corpo. “O que semeias, não semeias o corpo que há de vir a ser” (v. 37). “Mas Deus lhe dá um corpo, como lhe apraz, e a cada semente o seu próprio corpo” (v. 38). “Há também corpos celestes e corpos terrestres” (v. 40). “Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se na corrupção, ressuscita na incorrupção... Semeia-se um corpo natural, ressuscita um corpo espiritual” (vv. 42-44). A mensagem é inconfundível: trata-se da ressurreição e transformação do corpo.

Além disso, Paulo relaciona diretamente a ressurreição corporal de Cristo à nossa: “Pois, se os mortos não ressuscitam, Cristo também

não ressuscitou” (v. 16). Mas a ressurreição de Cristo foi inequivocamente corporal — o túmulo estava vazio, suas feridas eram visíveis e seu corpo, antes perecível, ressuscitou em glória. Para que a lógica de Paulo funcione, “os mortos” deve significar a mesma coisa: corpos humanos na sepultura. Separar “a ressurreição dos mortos” da “ressurreição do corpo” é usar uma ambiguidade e, portanto, romper com o argumento de Paulo em sua raiz.

Em 1ª Coríntios 15, Paulo usa o termo “*soma*” repetidamente para deixar bem claro que a ressurreição dos mortos é a transformação do corpo que morre. Os mortos que ressuscitam não são almas ascendendo ao céu, mas corpos glorificados, incorruptíveis e imortais em união com o próprio corpo ressurreto de Cristo. A tentativa de Gary de criar uma cisão entre “a ressurreição dos mortos” e “a ressurreição do corpo” é um jogo de palavras que desmorona diante do próprio ensinamento de Paulo.

Paulo, os fariseus e Atos 23–24

Gary DeMar continua evitando a conexão entre Paulo e os fariseus nos Atos dos Apóstolos.

Se o hiperpreterismo fosse verdadeiro, toda a cena em Atos 23 e 24 seria incoerente. Os fariseus acreditavam na ressurreição corporal no fim dos tempos. Sua esperança não era uma ressurreição simbólica do “corpo coletivo” cumprida no ano 70 d.C., mas a ressurreição real de corpos humanos dentre os mortos. No entanto, Paulo compareceu perante o Sinédrio e declarou:

“Sou fariseu, filho de fariseu; da esperança e da ressurreição dos mortos sou questionado”.

Se o hiperpreterismo estivesse correto, Paulo não estaria confessando o que os fariseus acreditavam, mas algo completamente

diferente, o que significaria que ele estava deliberadamente se aproveitando da ignorância deles para dividir o conselho e obter apoio.

A reação dos fariseus demonstra a insensatez dessa posição. Quando Paulo fez essa declaração, eles imediatamente se aliaram a ele contra os saduceus. Eles não estavam confusos quanto à doutrina; sabiam precisamente o que queriam dizer com ressurreição: a futura ressurreição dos mortos em seus corpos. Se Paulo tivesse em mente algo completamente diferente, como uma ressurreição metafórica de Israel no ano 70 d.C., eles não teriam confundido isso com a sua própria esperança. Os fariseus não eram tão ingênuos a ponto de confundir uma metáfora com o cerne de sua expectativa escatológica.

A defesa de Paulo perante Félix torna a questão ainda mais clara. Ele confessou abertamente que adorava o Deus de seus pais, “crendo em tudo o que está escrito na lei e nos profetas, e tendo esperança em Deus, a qual eles próprios também esperam, de que haverá ressurreição dos mortos, tanto de justos como de injustos”. Paulo não está apelando para uma doutrina estranha aos fariseus, mas alinhando-se explicitamente com o que eles também afirmavam. Ele fundamenta sua esperança na mesma crença que eles confessavam: a ressurreição tanto dos justos quanto dos ímpios.

É aqui que a ironia se torna especialmente gritante. Gary DeMar e outros hiperpreteristas adoram jogar com as palavras “ressurreição”, alegando que frases como "ressurreição dos mortos" não devem ser equiparadas à “ressurreição do corpo”. No entanto, para que o hiperpreterismo dê sentido a Paulo em Atos 23 e 24, eles são forçados a projetar essa mesma tática de volta para o próprio Paulo. Eles precisam alegar que Paulo usou a linguagem dos fariseus enquanto, em particular, redefinia as palavras em sua própria mente. Isso significaria que Paulo estava usando o mesmo truque que os hiperpreteristas agora empregam — dizendo “ressurreição dos mortos” quando, na verdade, queria dizer algo completamente

diferente da ressurreição corporal. Isso não apenas atribui desonestidade ao apóstolo, mas também mina todo o argumento de sua defesa, pois os fariseus jamais teriam se unido a ele se pensassem que ele estava falando metaforicamente e contradizendo a própria doutrina deles.

Em última análise, o hiperpreterismo força uma de duas conclusões, ambas insustentáveis. Ou os fariseus eram incrivelmente estúpidos, confundindo sua doutrina da ressurreição corporal com uma ressurreição corporativa simbólica na qual nunca acreditaram, ou Paulo era enganador, distorcendo deliberadamente a linguagem para induzir ao erro tanto o Sinédrio quanto Félix. A explicação muito mais razoável, e aquela que está de acordo com a leitura literal do texto, é que Paulo realmente compartilhava com os fariseus a esperança da ressurreição corporal dos mortos, a mesma doutrina que os distinguia dos saduceus.

Conclusão

A entrevista com Gary DeMar revelou mais do que apenas diferenças interpretativas — revelou a falência da estrutura hiperpreterista quando testada à luz das Escrituras, do cristianismo baseado em crenças e até mesmo de sua própria consistência interna. Seja em seu uso indevido do Credo Niceno, em sua rejeição da Confissão de Westminster, em sua redefinição da imagem da semente de Paulo em 1ª Coríntios 15 ou em sua distorção do testemunho de Paulo perante os fariseus, o padrão é o mesmo: afirmar as palavras, negar o significado.

Isso não é exegese cuidadosa nem confissão fiel. É o próprio método de erro que a Igreja teve que combater em todas as épocas. A esperança cristã não está em um evento metafórico passado, mas no retorno futuro de Cristo, na ressurreição do corpo e na vida eterna.

Negar isso não é simplesmente adotar uma “visão escatológica” diferente. É esvaziar o Evangelho de sua esperança final.

Notas:

1. Um biblicista é alguém que insiste que a doutrina deve ser expressa apenas com as palavras exatas das Escrituras, recusando-se a aceitar conclusões teológicas que são extraídas das Escrituras por meio de uma consequência boa e necessária.

Adendo 3

Gary DeMar está mentindo

Gary DeMar, da American Vision, acaba de lançar seu relatório anual sobre o setor audiovisual . Ele escreve:

“Além disso, houve uma controvérsia teológica sobre questões que venho levantando a respeito de escatologia há 25 anos. Amigos e inimigos discordaram. Recebi uma carta assinada por alguns amigos e algumas pessoas que não conheço, exigindo que eu respondesse a três perguntas. Recusei-me a respondê-las devido ao seu foco restrito. Respondi o melhor que pude por escrito, mas acabou não sendo suficiente para eles. O objetivo era me fazer ceder. Alguns deles chegaram a ameaçar falir a AV (Australian Vox).

Como resultado, AV foi retirado das plataformas da Fight, Laugh, Feast Network, da Canon Press e do serviço de streaming Canon+. Eles não comercializam mais meus livros ortodoxos sobre escatologia, que têm sido um pilar de ajuda para centenas de milhares de pessoas ao redor do mundo por mais de 30 anos”.

Para quem não sabe: antes de receber a carta em questão, Gary havia expressado dúvidas sobre doutrinas cristãs essenciais, como a ressurreição dos mortos e o retorno visível de Cristo, por meio de diversos canais, como artigos, publicações no Facebook e podcasts. Particularmente no Facebook, ele ridicularizou a ideia de Deus ressuscitar corpos que se transformaram em pó e “não existem mais”.

Em resposta, um grupo de pessoas enviou a Gary uma carta particular buscando esclarecimentos sobre se ele afirmava três doutrinas cristãs fundamentais: (1) o retorno futuro de Cristo em corpo e aparência, (2) a ressurreição do corpo e (3) o juízo final no último dia. Gary está correto quando diz: “Recusei-me a respondê-los...”. Mas depois afirma: “Respondi o melhor que pude por escrito, mas acabou não sendo suficiente para eles”. Isso é uma mentira descarada. Embora Gary tenha redigido uma carta, ele acabou acatando o conselho de sua esposa de não enviá-la. Mas não acredite apenas na minha palavra. Essa informação é corroborada por trechos de dois episódios de podcast nos quais Gary alude à sua decisão de não responder com base no conselho de sua esposa e, em seguida, afirma explicitamente, no segundo episódio, que não enviou a carta.

É mentira Gary afirmar que “não foi suficiente para eles”, quando, na realidade, ele nunca enviou nada. Trata-se de uma invenção destinada a difamar injustamente o caráter das 14 pessoas que enviaram a carta.

Em vez de enviar uma resposta por escrito, Gary iniciou um novo podcast com uma associada preterista chamada Kim Burgess, intitulado “*Hermenêutica da Aliança e Escatologia Bíblica*”, e agora eles querem vender esse trabalho como uma série de dois livros com o subtítulo “*Escatologia do Novo Testamento Realizada e Aplicada*”.

Ainda acha que o Gary está apenas “fazendo perguntas”?

Para quem ouviu o podcast, o subtítulo não deve ser nenhuma surpresa. Os apresentadores comunicaram explicitamente que defendem o “preterismo pleno” com aplicação contínua.

[Kim] Eu falei sobre redenção consumada e redenção aplicada. Quando falo de redenção consumada, refiro-me ao objetivo, ao da aliança, ao corporativo. Quando falo de redenção aplicada, refiro-me ao subjetivo, ao existencial, ao individual. Agora, aqui é onde eu

penso: não há nada... acho que o debate hoje é como dois navios que se cruzam no escuro. São pessoas discutindo sobre maçãs e laranjas, pensando que estão falando da mesma fruta, sem entender essa distinção. Redenção consumada é o que quero dizer quando me considero um preterista pleno. A pessoa e a obra de Cristo estão consumadas e foram concluídas naquele período entre 30 d.C. e 70 d.C. Aí está o preterismo pleno. Mas será que tudo foi resolvido? Será que tudo foi aplicado? Sou eu já um indivíduo sem pecado? Já tenho a minha encarnação ressurreta? Não, não tenho. Portanto, deve haver algo mais aqui. Sim, redenção aplicada. Aí está o preterismo parcial. Está apenas começando e está em processo, mas ainda não terminou. Em outras palavras, você aprende quando faz isso, a parar de criar falsas dicotomias e dualismos, o “ou um ou outro”, e a começar a ter essa mentalidade de “ambos/e”, de unidade e diversidade, diversidade e unidade. Redenção realizada, concluída, finalizada, preterista completo, ponto final. Redenção aplicada, preterista parcial, ainda está em processo. É um trabalho ainda em andamento.

[Gary] Sim. Certo.

[Kim] E se as pessoas simplesmente voltarem a isso, vai catapultar o debate para um nível totalmente novo e vamos superar essa comparação de coisas diferentes, essa história de atirar pedras uns nos outros e criar falsas dicotomias. Entende?

[Gary] Entendo. Quer dizer, entendo sim. E é frustrante porque as pessoas estão trabalhando com um conjunto de paradigmas e o outro lado está trabalhando com outro conjunto de paradigmas.

[Kim] Exatamente. E aí vocês não conseguem concordar.

[Gary] E aí fica aquela bolinha de pingue-pongue indo e vindo. Não, não, não. É isso e aquilo. E a bola é a mesma, mas os paradigmas usados para interpretar essas coisas são diferentes”.

Gary afirma: “O objetivo era me fazer ceder”.

Na realidade, o objetivo era que Gary revelasse suas crenças de forma honesta e clara, especialmente no que diz respeito ao seu escárnio da ressurreição. Em vez de dar uma resposta direta, ele se coloca como vítima, mente sobre o ocorrido e agora tenta lucrar vendendo heresias preteristas.

Romanos 16:17-18:

“Rogo-vos, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que provocam divisões e criam obstáculos à doutrina que lhes foi ensinada; afastem-se deles. Porque tais pessoas não servem a nosso Senhor Cristo, mas aos seus próprios apetites; e com palavras suaves e lisonjas enganam os corações dos ingênuos”.

Marque este homem.

Adendo 4

A Necessidade Lógica da Criação e o Fracasso Catastrófico do Hiper-Preterismo

Há alguns anos, ministrei algumas aulas sobre a Doutrina da Criação em nossa igreja. Como parte dessa introdução, em vez de abordar diretamente Gênesis 1 e 2, fiz um desvio pelo debate lapsariano e desenvolvi o que chamei de visão supralapsária modificada e revisada dos decretos divinos, especificamente para expandir e reforçar a necessidade lógica e o papel propositivo da criação dentro do plano eterno de redenção de Deus. Esse material está disponível. O que se segue é uma versão revisada e formalizada para blog desse mesmo material, com comentários adicionais e mais elaborados direcionados contra o hiperpreterismo. O argumento central é o mesmo; a apresentação aqui é mais precisa e a aplicação anti-hiperpreterista é explicitada de forma mais clara do que nas aulas originais.

I. Conclusões e as Premissas que Elas Requerem

Todo sistema de pensamento coerente, seja em filosofia, matemática ou teologia, opera segundo o mesmo princípio fundamental do raciocínio dedutivo: as conclusões são determinadas pelas premissas, e qualquer conclusão proposta revela quais premissas devem estar presentes para sustentá-la. Isso não é uma preferência estilística. É a própria estrutura do pensamento racional.

Em um argumento dedutivo válido, a conclusão decorre necessariamente das premissas. Se ambas as premissas são verdadeiras e a forma lógica é válida, a conclusão não pode ser falsa. Essa é a natureza da dedução. Mas o inverso deve ser cuidadosamente enunciado. Quando uma conclusão é alterada de uma maneira não prevista pelas premissas originais, uma das três coisas deve ser verdadeira: ou as premissas foram alteradas, ou os termos nelas contidos foram redefinidos, ou o raciocínio tornou-se inválido. Não há uma quarta opção. Não se pode alterar o termo de um argumento, deixando intactas suas proposições fundamentais, suas definições e sua estrutura inferencial, e ainda assim afirmar a mesma dedução válida.

Este princípio aplica-se não apenas a silogismos isolados, mas a sistemas teológicos inteiros. Um sistema teológico é, em essência, uma rede de proposições logicamente inter-relacionadas. As doutrinas dentro desse sistema não são afirmações isoladas. Elas funcionam como premissas e conclusões relativas umas às outras. Modificar a conclusão do sistema (seu fim último, seu *télos*) significa necessariamente modificar as premissas que a ela conduzem, ou redefinir os termos em que são enunciadas. Negar uma premissa que as etapas anteriores do argumento exigem leva ao colapso da conclusão. Introduzir uma nova conclusão, estranha às premissas originais, não significa “reformatar” o sistema; significa substituí-lo por um diferente.

Essa observação não é meramente acadêmica. Na verdade, trata-se do cerne de um dos debates mais importantes da teologia reformada: a ordenação dos decretos divinos, comumente conhecida como o debate infralapsário e supralapsário. E é precisamente essa questão que o hiperpreterismo, consciente ou inconscientemente, deixa de abordar.

II. O Debate Lapsário: A Ordenação dos Decretos

O Breve Catecismo, na pergunta 8, questiona: “Como Deus executa os Seus decretos?” e responde: “Deus executa os Seus decretos nas obras da criação e da providência”. Esta simples afirmação carrega um peso enorme. Ela nos diz que a criação não é um evento isolado, alheio ao propósito divino, mas sim a própria execução do decreto eterno de Deus. A pergunta que naturalmente se segue é: qual é a estrutura desse decreto e como devem ser ordenadas as suas partes?

Tecnicamente, existe apenas um decreto na mente de Deus: um propósito abrangente, onipresente e eterno. Contudo, como somos criaturas finitas, limitadas pelo tempo e pela sequência dos eventos, apreendemos esse único decreto em suas partes constituintes e falamos dos “decretos” (plural) de Deus. O debate entre infralapsarianismo e supralapsarianismo diz respeito à forma como esses decretos devem ser ordenados logicamente e, mais fundamentalmente, qual princípio regente determina essa ordem.

A Ordem Infralapsária. Dentro da teologia calvinista, cinco decretos tornaram-se os pontos de foco padrão, e o infralapsarianismo os ordenou da seguinte forma:

Deus decretou a criação do mundo e de todos os homens.

Deus decretou que todos os homens cairiam em pecado.

Deus decretou eleger alguns pecadores caídos para a salvação em Cristo e reprovos os demais.

Deus decretou redimir os eleitos pela obra da cruz de Cristo.

Deus decretou aplicar os benefícios redentores de Cristo aos eleitos.

O termo “infralapsário” deriva da posição do decreto da eleição (decreto 3) abaixo, ou depois (infra), do decreto da queda (lapso). Essa ordem reflete a sequência histórica em que esses eventos se desenrolam no tempo. A criação vem primeiro historicamente, portanto ocupa a primeira posição. A queda segue a criação, então ocupa a segunda. Eleição, expiação e aplicação vêm em seguida.

Essa ordem foi concebida para proteger um compromisso calvinista crucial: o particularismo da redenção. Ao colocar a eleição antes dos decretos de expiação e aplicação, o esquema infralapsário demonstra que a obra expiatória de Cristo e a aplicação do Espírito são direcionadas exclusivamente aos eleitos, e não a todos os homens indiscriminadamente. Isso foi, e continua sendo, uma poderosa réplica tanto ao arminianismo quanto ao amiraldismo.¹

Contudo, o esquema infralapsário sofre de uma significativa fragilidade explicativa. Como observou Robert Reymond em sua Teologia Sistemática, a organização histórica não consegue demonstrar nenhuma conexão propositiva entre as diversas partes do plano. Em um plano coerente e propositivo, cada membro deve pressupor o seguinte como o meio necessário para o propósito anterior, de modo que haja coesão propositiva governando o todo. A ordenação histórica simplesmente não consegue demonstrar, por exemplo, por que o decreto da criação está logicamente ordenado em direção ao decreto da queda, ou por que o decreto da queda está ordenado em direção ao decreto da eleição.¹ Como afirmou Berkhof, a posição infralapsária “não faz justiça à unidade do decreto divino, mas representa seus diferentes membros demasiadamente como partes desconectadas”.²

¹ **Nota do tradutor:** Amiraldismo é uma doutrina teológica associada a Moïse Amyraut. Em poucas palavras: é a ideia de que Cristo morreu por todos (expiação universal), mas somente os eleitos recebem a salvação de fato. Ou seja, tenta equilibrar duas coisas: Deus oferece salvação a todos. Mas só alguns são efetivamente salvos, segundo a eleição divina. Também é chamado de calvinismo de quatro pontos (porque rejeita a expiação limitada).

Um infralapsariano cuidadoso responderia que a unidade do decreto está fundamentada no único e eterno ato de vontade de Deus, e não em qualquer cadeia demonstrável de dependências conceituais. Essa resposta tem força genuína, e a crítica aqui não é que o infralapsarianismo seja internamente incoerente. É, antes, que a ordenação infralapsária possui uma relativa fraqueza explicativa: ela não consegue demonstrar tão claramente quanto a ordenação supralapsária por que cada parte do plano se coaduna propositalmente com todas as outras. O próprio Berkhof admitiu que, no esquema infralapsariano, o decreto que permite a queda “parece ser uma frustração do plano original, ou pelo menos uma modificação importante dele”.³

Isso representa uma deficiência explicativa real. Se o decreto da criação está no topo, sem nenhuma conexão lógica discernível com o que se segue, então a criação parece servir a algum propósito vago e geral (“para a Sua glória geral como Criador”) que não tem relação explícita com o centro sotérico do plano eterno de Deus. O resultado é que a criação e a queda aparecem como antecedentes desconectados, em vez de meios propositais para um fim determinado.

A Ordem Supralapsária Original. Para suprir essa deficiência, os supralapsarianos moveram o decreto da eleição para cima (*supra*) do decreto da queda, colocando-o no topo da ordem. O resultado foi uma ordenação na qual a eleição serve como princípio regente, dando propósito aos decretos da criação, da queda, da expiação e da aplicação. A criação e a queda agora servem ao propósito primordial de realizar a salvação dos eleitos.

Contudo, a visão supralapsariana original fez apenas um ajuste: realocou a eleição para a primeira posição, mantendo os quatro decretos restantes na mesma ordem histórica. Isso significava que, embora a eleição fosse agora o propósito governante declarado, a

progressão lógica de um decreto subordinado para o seguinte ainda seguia a sequência histórica e ainda sofria da mesma falta de conexão propositiva demonstrável entre os decretos individuais.

A Ordem Supralapsária Modificada. Para resolver essa deficiência remanescente, foi proposta uma visão supralapsária modificada (notavelmente por Reymond). Essa visão manteve a eleição no topo, mas inverteu os quatro decretos restantes, produzindo a seguinte ordem:

A eleição de alguns homens pecadores para a salvação em Cristo (e a reprovação dos demais).

O decreto para aplicar os benefícios redentores de Cristo aos eleitos.

O decreto para redimir os eleitos pela obra da cruz de Cristo.

O decreto que determina que os homens devem cair.

O decreto para criar o mundo e os homens.

A vantagem dessa organização é que ela reflete a maneira como uma mente racional realmente planeja. Reymond ilustrou isso com a analogia da compra de um carro. O objetivo final (comprar o carro) é determinado primeiro, e a mente então trabalha de trás para frente, percorrendo os meios necessários para atingir esse fim: conseguir um empréstimo, negociar um preço, chegar à concessionária, sair de casa, levantar da cama. Cada etapa pressupõe a etapa seguinte (vista do objetivo para trás), e cada etapa responde propositalmente à necessidade da etapa anterior. Nenhuma etapa é arbitrária. Nenhuma etapa é desconexa. Há uma coerência proposital que rege todo o processo.

Aplicado aos decretos divinos, esse planejamento lógico retrógrado produz a seguinte cadeia. Para realizar a eleição dos pecadores à salvação em Cristo, Deus precisa aplicar-lhes uma redenção. Mas, para que haja uma redenção a ser aplicada, Cristo precisa realizá-la por meio de Sua obra expiatória na cruz. Porém, para que Cristo expie os pecadores, é necessário que haja pecadores, o que requer uma queda. Mas, para que haja uma queda, é necessário que haja homens e um mundo no qual cair. Daí o decreto de criar o mundo e os homens. Cada decreto pressupõe logicamente o seguinte como o meio pelo qual o propósito anterior é realizado. O quinto decreto (a criação), que é o último na sequência lógica, torna-se o primeiro a ser executado no tempo e no espaço. “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1). O ponto de partida histórico das Escrituras é o término lógico do plano eterno.

É importante notar que este modelo retrógrado é uma ferramenta analógica para mentes finitas, não uma descrição da cognição divina. Deus não raciocina passo a passo. Seu decreto é eterno, simples e não discursivo. A ordenação reflete nossa maneira criatural de apreender a relação entre fins e meios dentro do único ato eterno e abrangente da vontade divina.

A questão subjacente ao debate sobre a lapsaria não é meramente como Deus ordena os Seus decretos, mas por que Ele cria, afinal, e como a criação se relaciona com o fim redentor do Seu plano.

III. Uma Revisão Necessária: O Pacto da Redenção como Decreto Orientador

A visão supralapsariana modificada representa um grande avanço na demonstração da coerência lógica dentro do decreto divino. Contudo, ela não vai longe o suficiente. Quero deixar claro que, ao dizer isso, não estou lançando uma crítica generalizada aos teólogos que desenvolveram e defenderam essa posição. O debate lapsariano clássico se concentrava principalmente na relação lógica entre eleição,

queda, redenção e aplicação dentro da estrutura calvinista particularista. Essa era a questão controversa da época, e a visão supralapsária modificada a responde bem. O que estou fazendo aqui não é tanto corrigir esse projeto, mas ampliá-lo, levando a questão para um contexto mais remoto com um propósito polêmico específico: abordar e refutar a minimização da criação, da existência material e da pessoa e obra contínua do Deus-Homem que se encontra em sua forma mais extrema e consistente no hiperpreterismo, e em formas mais difusas, mas não menos perigosas, em grande parte da piedade evangélica contemporânea.

Na configuração modificada, o decreto da eleição ocupa a posição primordial e determinante. Isso pode dar a impressão de que a eleição dos homens é o fim último do plano de Deus, o *télos* para o qual todos os outros decretos se dirigem. Mas as Escrituras não sustentam essa conclusão.

A eleição não é um fim em si mesma. Nem todos os homens são eleitos, e há um propósito até mesmo na não eleição de alguns. Paulo deixa isso explícito em Romanos 9:22-23:

“Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a destruição, a fim de revelar as riquezas da sua glória para os vasos da misericórdia, que para glória preparou de antemão?”

Tanto a eleição quanto a reprovação servem a um propósito maior: a manifestação das perfeições de Deus, da Sua ira, do Seu poder, da Sua misericórdia, da Sua glória.

Além disso, se os eleitos são eleitos “em Cristo” (Efésios 1:4), então a eleição não é um ato direto e imediato que termina no indivíduo. É um ato mediado por uma Pessoa. A eleição, portanto, não pode ser definitiva, porque não é autorreferencial. Os eleitos são escolhidos

em Cristo, e isso significa que Cristo, e não a eleição, é o centro organizador do decreto. E essa Pessoa, Cristo, é o próprio centro do “propósito eterno” de Deus (Efésios 3:11). Paulo diz que esse propósito eterno foi “realizado em Cristo Jesus, nosso Senhor”, e que por meio da igreja (os redimidos) “a multiforme sabedoria de Deus” é “revelada aos principados e potestades nos lugares celestiais” (Efésios 3:10). Paulo reforça isso em Efésios 1:9-10, descrevendo o propósito de Deus como “um plano para a plenitude dos tempos, para reunir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”.

As Escrituras apresentam repetidamente a redenção como fundamentada em um propósito eterno e intratrinitário. Ao Filho é dado um povo (João 6:37-39), enviado para realizar uma obra definida (João 17:4-6) e a quem é prometida uma recompensa após a sua conclusão (Isaías 53:10-12). Isso não é uma resposta improvisada à queda, mas a execução de um plano prévio. O que a teologia posteriormente chama de aliança da redenção é simplesmente a articulação sistemática desse padrão bíblico.

Isso significa que o esquema supralapsariano modificado requer um decreto adicional no topo, que explique por que os homens são eleitos e o que torna necessário o “Cristo” em quem são eleitos. Esse decreto é a aliança eterna da redenção (o *pactum salutis*) entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo: o propósito trino de glorificar a Deus em Sua santidade, poder, sabedoria, justiça, ira, bondade, verdade e graça por meio de uma obra de salvação na qual o Pai elege, o Filho assume uma alma e um corpo racionais como o Deus-Homem encarnado para obedecer perfeitamente, sofrer, morrer e ressuscitar como expiação vicária, e o Espírito aplica os benefícios dessa salvação aos eleitos no tempo determinado.

A ordem revisada, portanto, fica assim:

A aliança eterna da redenção (*pactum salutis*): o propósito de Deus de glorificar a Si mesmo em toda a extensão de Suas perfeições por meio da pessoa e da obra de Cristo encarnado, o Deus-Homem, a quem é dada a preeminência sobre todas as coisas.

A eleição de alguns homens pecadores para a salvação em Cristo (e a reprovação dos demais), como meio para a glória de Deus.

O decreto para aplicar os benefícios redentores de Cristo aos eleitos.

O decreto para redimir os eleitos pela obra da cruz de Cristo.

O decreto que determina que os homens devem cair.

O decreto para criar o mundo e os homens.

Diversos pontos devem ser observados. Primeiro, o princípio norteador não é mais a eleição dos homens, mas a glorificação de Deus por meio da preeminência do Filho encarnado. A eleição é subordinada a um propósito maior e funciona como um dos muitos meios pelos quais Deus manifesta toda a extensão de Suas perfeições. Segundo, o Cristo que está no centro do primeiro decreto não é o Filho simplesmente, mas o Verbo encarnado, isto é, o Filho que, dentro do conselho eterno, propõe-se a assumir a nossa carne e o nosso sangue. Isso é crucial, pois significa que a criação material, a criação dos corpos, da carne, da existência física, não é incidental ao plano, mas essencial a ele. O plano requer uma encarnação, e a encarnação requer uma criação. Terceiro, cada decreto subsequente continua a pressupor logicamente o próximo de forma retrógrada, agora com ainda maior força, porque cada decreto está orientado para a glória da aliança do Cristo encarnado e encontra seu propósito nela.

O único decreto eterno, compreendido em suas partes, é regido por um único *télos*: a glorificação de Deus na pessoa e na obra de Seu Filho encarnado.

IV. O Fiador, o Testador e a Permanência da Encarnação

O Pactum Salutis não é um acordo abstrato, intratrinitário, isolado da história. É o fundamento da aliança a partir do qual a única Aliança da Graça emerge no tempo. E o papel do Filho dentro dessa aliança era juridicamente preciso.

O autor de Hebreus o designa como “o fiador de uma aliança superior” (Hebreus 7:22), alguém que assume a responsabilidade legal de outro, atuando como garantidor de uma dívida que não contraiu pessoalmente e obrigado a cumprir essa obrigação integralmente. O mesmo autor também o chama de Testador de um testamento (Hebreus 9:15-17): aquele cuja morte, por si só, coloca a herança em vigor. “Pois um testamento só produz efeitos após a morte, visto que não tem validade enquanto vive aquele que o fez” (Hebreus 9:17). Essas duas categorias legais, juntas, estabelecem que toda a economia da antiga aliança, seu sacerdócio, seus sacrifícios, sua terra tipológica, era a administração provisória de um testamento ainda não posto em vigor. As promessas, conforme administradas nessa economia, eram reais. Mas eram reais como antecipações da substância, não como a própria substância.

Quando o Testador morreu, Ele morreu em um corpo. Ele ressuscitou nesse corpo, transformado e glorificado. Ele ascendeu corporalmente. E Hebreus o descreve continuando nesse corpo a exercer seu ofício mediador como o grande Sumo Sacerdote, “aparecendo diante de Deus em nosso favor” (Hebreus 9:24) com base em seu único sacrifício completo e irrepetível. Seus ofícios mediadores não terminaram com a ressurreição. Eles continuam. Sua intercessão é uma intercessão encarnada. Se o Filho permanece encarnado, então a redenção não pode terminar em um estado

desencarnado. Seu assentar-se à direita “até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés” (Hebreus 10:13) é uma espera encarnada que terminará em um retorno encarnado, visível, corporal, na mesma carne que Ele assumiu em execução do pacto de salvação.

A encarnação, portanto, não é uma acomodação temporária ao pecado, descartada assim que a transação legal for concluída. É a condição permanente da aliança no relacionamento entre o Deus trino e o Seu povo redimido. Colossenses 1:15-20 expressa isso com precisão:

“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”.

Não que os homens pudessem ser preeminentes. Não que a eleição pudesse ser preeminente. Que Ele pudesse ser preeminente.

Esta seção do argumento deve estar firmemente em vista antes que as implicações para a criação e para o hiperpreterismo sejam analisadas, pois toda conclusão subsequente depende da permanência da encarnação e da obra mediadora contínua e corporal do Deus-Homem. Despojar o *escaton* da ressurreição corporal, do retorno visível e da renovação da ordem material não é um ajuste escatológico periférico. É uma contradição direta do status permanente da aliança da encarnação e uma negação implícita dos próprios termos do testamento que a morte de Cristo pôs em vigor.

V. A Necessidade Lógica da Criação

Com a estrutura revisada e seu fundamento pactual agora estabelecidos, as implicações para a doutrina da criação podem ser declaradas diretamente.

Nesse esquema, a criação é o último decreto na sequência lógica, mas o primeiro a ser executado no tempo e no espaço. É o meio fundamental pelo qual todo o plano de redenção é posto em movimento. E como cada decreto pressupõe logicamente o seguinte na cadeia retrógrada, a criação não é arbitrária, nem aleatória, nem uma mera nota de rodapé curiosa e, certamente, não é o resquício de um plano que Deus abortou. A criação tem um propósito. Ela existe para alcançar o objetivo final: a glorificação de Deus na pessoa e na obra de Cristo encarnado.

Considere o que isso significa para as características específicas da criação. Deus criou o homem com corpo e alma (Gênesis 2:7). Por quê? Porque o decreto da queda exige criaturas com corpo e alma. O decreto da expiação exige um Redentor encarnado que assuma nossa natureza, corpo e alma. O decreto da aplicação exige que a salvação seja aplicada a pessoas inteiras, corpo e alma. E o decreto que rege a aliança da redenção exige que o Deus-Homem encarnado seja glorificado como o primogênito dentre os mortos em um corpo ressuscitado. Em resumo, Deus criou corpos porque cada decreto na cadeia, da aliança da redenção em diante, os exige. Se os redimidos do primeiro decreto não terminassem como criaturas com corpo e alma no estado final, então não havia propósito em criá-los como criaturas com corpo e alma em primeiro lugar. Se Deus desejasse glorificar a Si mesmo apenas por meio de almas desencarnadas, Ele poderia ter criado almas desencarnadas e dispensado os corpos por completo. Mas não é isso que Gênesis registra. Deus criou o homem, alma e corpo, para que o homem, alma e corpo, O glorificasse.

Paulo confirma essa conexão explicitamente:

“Acaso vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês”.

- 1ª Coríntios 6:19-20

A Confissão de Westminster 4.1 declara o seguinte:

“Aprouve a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, para a manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade, no princípio, criar, ou fazer do nada, o mundo e todas as coisas nele, visíveis e invisíveis, no espaço de seis dias, e tudo muito bom”.

Observe a cláusula de propósito: “para a manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade”. A criação existe para manifestar a glória divina. Ela não está justaposta à redenção; é o próprio meio pelo qual a redenção, centrada em Cristo encarnado, se desdobra.

Reymond afirma isso com sua precisão característica:

“Todos os supralapsarianos insistem que o mundo criado jamais deve ser visto como algo à parte da atividade redentora de Deus, totalmente divorciado do propósito particularizador de Deus, da preocupação última do 'propósito eterno' de Deus, e como cumprindo algum(ns) propósito(s) geral(is) não relacionado(s) à obra redentora de Cristo. Eles insistem nisso porque tal representação da criação destrói a unidade do único propósito eterno de Deus”.⁴

Se você remover a criação do plano, você não terá mais um plano. Você não terá mais um Filho de Deus encarnado. Você não terá mais um Evangelho.

VI. O fracasso catastrófico do hiperpreterismo

É precisamente neste ponto que o hiperpreterismo entra em colapso, e não apenas por razões exegéticas (embora também o faça), mas por razões lógicas e sistemáticas. Todo o debate lapsário é um exercício de questionamento: Por que Deus criou? Qual o propósito da criação no plano eterno? Como o decreto da criação se relaciona, lógica e teleologicamente, com o decreto da redenção? A estrutura revisada desenvolvida acima responde a essas perguntas com uma cadeia clara e unificada de coerência teleológica. O hiperpreterismo jamais as questiona. Não pode se dar a esse luxo, pois, no momento em que o fizer, sua conclusão se tornará indefensável.

A Conclusão Hiperpreterista. A afirmação central do hiperpreterismo é que todos os eventos escatológicos — a ressurreição dos mortos, o retorno corporal visível de Cristo, o juízo final e a renovação da criação — se cumpriram no ano 70 d.C. com a destruição de Jerusalém. Em seu sistema, não há ressurreição corporal futura. Não há retorno visível futuro do Cristo encarnado. Não há renovação ou restauração futura da ordem criada. Tudo o que foi prometido já se cumpriu. O escaton já passou.

Esta é uma conclusão. E como todas as conclusões, ou decorre de premissas, ou não. Se decorre, então devemos examinar essas premissas e perguntar se são as mesmas premissas que o cristianismo sempre professou. Se não decorre de premissas cristãs, então o hiperpreterista deve admitir que sua conclusão é inválida ou reconhecer que está operando a partir de um conjunto de premissas completamente diferente.

Conclusões diferentes exigem premissas diferentes. Na teologia cristã ortodoxa, as premissas incluem (entre muitas outras) as seguintes:

Deus criou o homem com corpo e alma, e ambos são essenciais à natureza humana.

A encarnação do Filho de Deus, na qual a segunda Pessoa da Trindade assumiu um corpo verdadeiramente humano e uma alma racional, é essencial para a obra da redenção.

A ressurreição corporal de Cristo é as primícias de uma futura ressurreição corporal de todos os mortos (1ª Coríntios 15:20-23).

A criação material não é descartável, mas destinada à renovação e à restauração (Romanos 8:19-23).

A providência sobre a ordem criada está direcionada para a consumação do propósito redentor de Deus, incluindo a sujeição de todas as coisas aos pés de Cristo encarnado (1ª Coríntios 15:25-28).

Partindo dessas premissas, o cristianismo chega à seguinte conclusão: o plano de redenção culmina na ressurreição corporal dos mortos, no retorno visível de Cristo encarnado, no juízo final e na renovação de todas as coisas. A criação é essencial tanto para o início quanto para o fim desse plano. Ela é o meio pelo qual o plano se inicia (Gênesis 1) e a substância daquilo que o plano consome (Apocalipse 21-22).

O hiperpreterismo nega essa conclusão. Afirma que não há ressurreição corporal futura, nem retorno corporal futuro, nem renovação futura da ordem material. Mas se a conclusão é diferente, as premissas também devem ser diferentes. E são. O sistema hiperpreterista exige, quer seus adeptos o reconheçam ou não, um conjunto de premissas em que:

O corpo não é essencial à natureza humana em seu estado final e glorificado. A alma, por si só, basta.

A criação material não tem papel necessário na consumação do plano de Deus. É, na melhor das hipóteses, uma etapa temporária que cumpriu seu propósito e pode ser descartada.

A encarnação do Filho, embora historicamente real, não carrega todo o seu peso teológico para o fim dos tempos. Para muitos hiperpreteristas, incluindo Don Preston, a Encarnação não apenas diminui em significado escatológico; ela simplesmente deixa de existir. O Cristo ressuscitado, ascendido e encarnado não retorna corporalmente porque o retorno corporal é desnecessário em um sistema onde os corpos são escatologicamente irrelevantes.

A providência sobre a criação material não se dirige para uma futura renovação dessa criação. Não há horizonte escatológico para o gemido da criação descrito em Romanos 8. A criação simplesmente continua como está, indefinidamente, sem um fim proposital.

Essas não são as premissas do cristianismo. São as premissas de um sistema que tem muito mais em comum com o gnosticismo antigo do que com qualquer coisa confessada nos Credos ecumênicos, nas Confissões reformadas ou nas páginas das Escrituras.

O hiperpreterista frequentemente responderá que não nega a ressurreição, mas a afirma como uma realidade “espiritual” cumprida no primeiro século. Mas essa resposta apenas desloca o problema. Se a ressurreição não inclui a restauração do corpo, então o corpo não tem significado escatológico. E se o corpo não tem significado escatológico, então sua criação não pode ser essencial para o plano que deveria servir.

A Criação Tornada Sem Propósito. Agora, toda a força da crítica lapsariana pode ser aplicada. A estrutura supralapsária modificada e revisada demonstra que o decreto de criar é logicamente pressuposto pelo decreto de redimir, e o decreto de redimir é governado pela aliança da redenção centrada em Cristo encarnado. Cada característica da criação, incluindo sua materialidade, sua constituição corporal e

espiritual do homem e sua ordenação providencial, está propositalmente conectada à consumação escatológica. Mas o hiperpreterismo não possui consumação escatológica envolvendo a ordem material. Não possui ressurreição corporal futura. Não possui o retorno de Cristo encarnado em glória. Não possui renovação dos céus e da terra. E, portanto, no sistema hiperpreterista, a pergunta “Por que Deus criou?” não tem resposta satisfatória.

A criação torna-se, funcionalmente, sem propósito. É um meio para nenhum fim discernível. O corpo que Deus deu ao homem em Gênesis 2 não tem destino final. O mundo material que Deus criou em Gênesis 1 não tem significado escatológico. E para uma vertente significativa do hiperpreterismo, o problema é ainda mais profundo: não há certeza de que Gênesis 1 esteja se referindo ao mundo material! O Criacionismo da Aliança, desenvolvido mais plenamente por Timothy Martin e Jeffrey Vaughn em *Além da Ciência da Criação* (2007), argumenta que os “céus e a terra” de Gênesis 1 não se referem ao cosmos físico, mas ao mundo da aliança formado pela relação de Deus com o seu povo. A lógica interna do sistema inevitavelmente leva a essa conclusão. Se o “novo céu e a nova terra” de Apocalipse 21 não são um cosmos físico transformado, mas a antiga ordem da aliança dando lugar à nova no ano 70 d.C., então a coerência exige que os “céus e a terra” originais de Gênesis 1 sejam interpretados da mesma maneira. Martin e Vaughn afirmam isso com franqueza:

“A Criação da Aliança desafia todas as visões comuns da criação porque elas consideram o 'início' em termos do mundo físico. Os princípios que a Escatologia da Aliança aplica ao 'fim' são os mesmos princípios que a Criação da Aliança aplica ao 'início’”.⁵

Isso não é uma distorção marginal do hiperpreterismo. É o sistema levado às suas últimas consequências lógicas. O mundo material fica sem um início teológico nem um fim teológico. Simplesmente não pertence à narrativa.

O infralapsarianismo simplesmente falhou em demonstrar uma conexão propositiva. O hiperpreterismo a rompe ativamente. Se os corpos não ressuscitam, por que foram criados? Se a Terra não se renova, por que foi feita? Se a encarnação não culmina em um retorno visível e corporal, qual foi o propósito pleno do Filho ao se encarnar?

A lógica pode ser exposta claramente. Se a criação existe para um fim redentor, e esse fim não inclui a restauração do corpo ou a renovação do mundo, então a criação não é essencial para esse fim. E se a criação não é essencial para esse fim, então ela não é essencial para o plano. Mas as Escrituras apresentam a criação como parte integrante, não incidental. Portanto, a conclusão não se sustenta.

O hiperpreterista poderia responder dizendo que a criação desempenhou um papel temporário e instrumental: foi o palco onde se desenrolou o drama do cumprimento no primeiro século e, tendo cumprido esse papel, não tem mais nenhuma função escatológica. Mas esse é precisamente o ponto. Em tal esquema, a criação não é um componente essencial, permanente e proposital do decreto. É um andaime descartável. E essa é uma premissa fundamentalmente diferente daquela professada pela Igreja cristã durante dois milênios.

Redefinição como Negação. O hiperpreterista frequentemente objeta que não “nega” a criação. Ele afirma que Deus criou o mundo, mesmo que Gênesis 1 e 2 não abordem esse fato diretamente. O que ele nega é uma futura ressurreição corporal e uma futura renovação da ordem material.

Mas essa objeção demonstra uma incompreensão da natureza da acusação. A questão não é se o hiperpreterismo afirma o fato histórico da criação. É claro que afirma. A questão é se ele afirma o propósito teológico da criação, conforme confessado pela Igreja. Quando a Confissão de Fé afirma que Deus criou “para a

manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade”, ela está afirmando que a criação serve ao propósito contínuo, dirigido escatologicamente, de glorificar a Deus. Quando Paulo diz que “a própria criação será libertada da escravidão da corrupção e participará da gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Romanos 8:21), ele está afirmando que a criação material tem um futuro dentro do plano da redenção. Negar esse futuro é negar o propósito para o qual a criação foi feita, independentemente de se afirmar o simples fato de que a criação ocorreu.

Em termos formais: se a premissa “a criação serve ao propósito de glorificar a Deus por meio de Cristo encarnado e da consumação de Sua obra redentora, incluindo a ressurreição corporal e a renovação cósmica” for substituída por “a criação desempenhou um papel temporário e instrumental, culminando em uma realização espiritual no ano 70 d.C.”, então a conclusão sobre o que é a criação muda. E quando a conclusão sobre o que é a criação muda, também muda a premissa sobre qual é o plano de Deus. Todo o sistema se transforma. Os rótulos podem permanecer os mesmos, mas a essência subjacente é diferente.

A Providência Sem Direção. A mesma lógica se aplica à doutrina da providência. O Breve Catecismo nos diz que Deus executa Seus decretos “nas obras da criação e da providência”. A providência é a governança e a direção contínuas de Deus sobre a ordem criada, rumo ao cumprimento de Seu propósito eterno. Mas, se não há consumação futura da ordem criada, se o mundo material não tem horizonte escatológico, então para onde a providência está direcionando a criação?

Na teologia ortodoxa, a providência é teleológica: visa a um fim. A criação geme, diz Paulo, “em grande expectativa” (Romanos 8:19). Mas expectativa de quê? No sistema hiperpreterista, a resposta é: nada. A criação gemeu, e o gemido foi resolvido espiritualmente no ano 70 d.C. Não há mais nada a esperar. Isso não é um refinamento

da doutrina da providência. É a sua efetiva eliminação. Providência sem um *télos* não é providência; é mera continuação. E mera continuação, sem uma direção propositiva em direção a um objetivo escatológico, é precisamente o que a estrutura revisada foi concebida para evitar. O objetivo de demonstrar a coerência lógica entre os decretos era mostrar que nenhum decreto é arbitrário, nenhum decreto é desconexo, e cada decreto, incluindo o decreto de criar, serve a um propósito dentro do plano eterno unificado. O hiperpreterismo rompe cada elo dessa corrente abaixo de sua própria conclusão e então nos pede para crer que a corrente ainda está intacta.

VII. Conclusão: A Criação Importa Porque Cristo Importa

O debate lapsariano não é um exercício especulativo para teólogos profissionais. Trata-se da questão de por que algo existe. A visão supralapsária modificada e revisada, que coloca a aliança da redenção e a preeminência do Cristo encarnado na posição governante acima de todos os outros decretos, demonstra que a criação é o primeiro ato na execução do único, eterno e abrangente decreto de Deus. É o meio necessário pelo qual a encarnação, a expiação, a ressurreição e a glorificação de Jesus Cristo são realizadas no tempo e no espaço. Cada aspecto da ordem criada, desde a constituição corporal e espiritual do homem até a estrutura material do cosmos, está orientado para a consumação escatológica desse decreto.

A história da redenção, fundamentada na aliança, comprova isso. A única Aliança da Graça, administrada por meio de sucessivas formas históricas desde Abraão até a Nova Aliança, jamais teve como objetivo um término meramente terreno. Seus tipos e sombras, incluindo a terra de Canaã, o sacerdócio levítico e os sacrifícios do templo, nunca foram à herança em si, mas sim a garantia dela. O Fiador dessa aliança comprometeu-se na eternidade a pagar o que o Seu povo devia. O Testador a tornou irrevogavelmente forte por meio da Sua morte. E Ele agora administra os seus benefícios como o

Sumo Sacerdote encarnado à direita do Pai. A essência que todas essas sombras antecipavam não é uma transação espiritual do primeiro século. É a ressurreição corporal dos mortos, o retorno visível do Deus-Homem em glória, o juízo final e a renovação dos céus e da terra.

O hiperpreterismo, ao postular uma conclusão na qual a criação material não possui futuro escatológico, não oferece apenas uma escatologia diferente. Ele introduz um conjunto diferente de premissas, premissas que rompem a conexão lógica entre criação e redenção, despojam a providência de sua direção teleológica, reduzem os tipos da antiga aliança ao seu próprio fim em vez de à realidade eterna que sinalizavam e tornam a encarnação permanente do Filho teologicamente incoerente. Ele confunde o desaparecimento da sombra com a chegada da substância e chama isso de cumprimento.

Paulo advertiu os coríntios de que a negação da ressurreição corporal não é uma discordância escatológica periférica, mas uma rejeição do próprio Evangelho (1ª Coríntios 15:12-19). A estrutura supralapsária modificada e revisada nos mostra o porquê. Se o decreto de criar é logicamente pressuposto pelo decreto de redimir, e o decreto de redimir é regido pela aliança da redenção centrada em Cristo encarnado, então negar o significado escatológico da criação é negar o próprio propósito para o qual Deus a decretou. E negar o propósito para o qual Deus decretou a criação é negar o plano. E negar o plano é negar o Cristo que está no centro dele.

A criação importa porque Cristo importa. A ordem material importa porque a encarnação importa. Os corpos importam porque a ressurreição importa. Os tipos importavam porque a substância para a qual apontavam é real, física e futura. E qualquer sistema que conclua o contrário, por mais piedosamente que formule essa conclusão, desviou-se da fé que foi entregue aos santos.

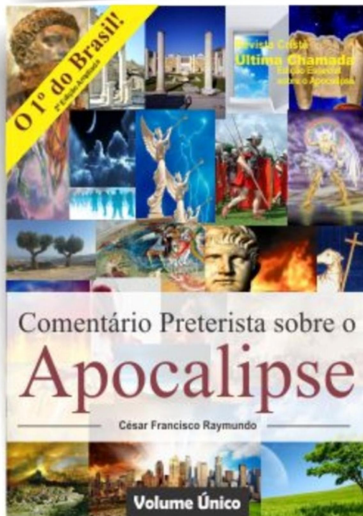
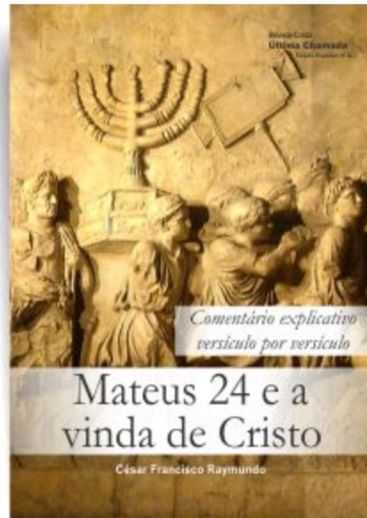
Notas:

1. Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville: T. Nelson, 1998), 485. "Adotando, como o esquema infralapsariano faz, a visão de que o princípio histórico governa a ordem dos decretos, e organizando, como de fato organiza, essa ordem de acordo com a sequência que reflete a ordem histórica das ocorrências correspondentes dos eventos que esses decretos determinaram (como, aliás, também faz o esquema amiraldiano), esse esquema não consegue demonstrar nenhuma conexão intencional entre as várias partes do plano em si. Em um plano único, consistente e intencional, pressupõe-se que cada elemento do plano deva logicamente exigir o elemento seguinte, de modo que haja uma coesão intencional no todo. A organização histórica simplesmente não consegue demonstrar, por exemplo, por que ou como o decreto de criar exige necessariamente o decreto seguinte acerca da Queda, ou por que o decreto acerca da Queda exige o decreto particularizante que vem depois".
2. L. Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938), 124.
3. Ibid.
4. Reymond, *A New Systematic Theology*, 490.
5. Timothy Martin and Jeffrey Vaughn, "Introduction to Covenant Creation," *Beyond Creation Science*, accessed April 13, 2026, https://beyondcreationscience.com/Introduction_to_Covenant_Creation.php.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?